

YERMA

Poema trágico em três atos e seis quadros

de Federico García Lorca

Tradução de José Rubens Siqueira

## PERSONAGENS

YERMA  
MARIA  
VELHA PAGÃ  
DOLORES  
LAVADEIRA 1  
LAVADEIRA 2  
LAVADEIRA 3  
LAVADEIRA 4

LAVADEIRA 5  
LAVADEIRA 6  
MOÇA 1  
MOÇA 2  
FÊMEA  
CUNHADA 1  
CUNHADA 2  
MULHER 1

MULHER 2  
MENINO  
JUAN  
VICTOR  
MACHO  
HOMEM 1  
HOMEM 2  
HOMEM 3

## ATO I

## QUADRO 1

*Quando se abre a cortina, Yerma está dormindo com um cesto de costura a seus pés. A cena tem uma estranha luz de sonho. Entra um PASTOR na ponta dos pés, olhando fixamente para YERMA. Leva pela mão um MENINO vestido de branco. Soa o relógio. Quando o PASTOR sai, a luz muda para uma alegre luz matinal de primavera. YERMA desperta.*

## CANTO

VOZ (*fora de cena*) – Para mamãe, mama, mãe,

para mãezinha faremos  
uma casinha no campo  
e nela nós viveremos.

YERMA – Juan, está ouvindo, Juan?

JUAN – Já vou.

YERMA – Está na hora.

JUAN – Passou a tropa?

YERMA – Passou.

JUAN – Até (*vai sair*).

YERMA – Não vai tomar um copo de leite?

JUAN – Pra que?

YERMA – Você trabalha demais e não tem corpo pra isso.

JUAN – Homem magro é mais forte que aço.

YERMA – Mas você não. Quando a gente casou você era outro. Agora está com a cara branca, como se não pegasse sol. Eu ia gostar que você fosse até o rio, nadasse, e subisse no telhado quando a chuva molha nossa casa. Vinte e quatro meses de casados e você cada vez mais triste, mais magro, como se crescesse ao contrário.

JUAN – Mais alguma coisa?

YERMA – (*levantando*) Não me leve a mal. Se eu ficar doente, vou gostar que você cuide de mim. “Minha mulher está doente. Vou matar esse carneiro para fazer um belo ensopado de carne”. “Minha mulher está doente.

Vou guardar esta gordura para massagear o peito dela, levar essa pele de ovelha para proteger os pés dela da neve”. Eu sou assim. Por isso é que me preocupo com você.

JUAN – Muito obrigado.

YERMA – Mas você não aceita.

JUAN – É que eu não tenho nada. Tudo isso é coisa da sua cabeça. Eu trabalho muito. Todo ano fico mais velho.

YERMA – Todo ano... Você e eu continuamos aqui todo ano...

JUAN – (*sorri*) Claro. E bem sossegados. O trabalho vai bem, não temos filhos para dar despesa.

YERMA – Não temos filhos... Juan!

JUAN – Diga.

YERMA – Acha que eu não te amo?

JUAN – Você me ama.

YERMA Conheço mulheres que tremeram e choraram antes de ir pra cama com os maridos. Eu chorei a primeira vez que fui pra cama com você? Não estava cantando quando ergui os bordados da colcha? Não te disse: “Como esse lençol tem cheiro de maçã!”?

JUAN – Disse, sim.

YERMA – Minha mãe chorou porque não fiquei triste de sair da casa dela. E era verdade! Ninguém casou com mais alegria que eu. E no entanto...

JUAN – Quieta. Dá muito trabalho ouvir dizerem toda hora...

YERMA – Não. Não repita o que os outros dizem. Eu vejo com meus próprios olhos que não pode continuar assim... De tanto chover nas pedras elas ficam moles e cresce o saramago que todo mundo diz que não serve para nada. “Saramago não serve pra nada”, mas eu bem que vejo aquela florzinha amarela dançando no ar.

JUAN – Tem de esperar!

YERMA – É. Com vontade. (*toma a iniciativa, abraça e beija o marido*)

JUAN – Se está precisando de alguma coisa me diga que eu trago. Sabe que eu não gosto de você saia de casa.

YERMA – Não saio nunca.

JUAN – É melhor mesmo.

YERMA – Certo.

JUAN – A rua é para gente que não tem nada para fazer.

YERMA – Claro.

*O marido sai e Yerma vai até o cesto, passa a mão no ventre, ergue os braços num lindo bocejo e senta-se a costurar.*

YERMA – De onde vem, meu amor, meu menino?

Da crista dura do frio.

O que você quer, meu amor, meu menino?

O pano quente do seu vestido.

*(enfia a linha na agulha)*

Que os galhos dancem ao sol

e as fontes cantem ao redor!

*(como se falasse com um menino)*

No pátio o cachorro late,

o vento canta nas árvores.

Os bois mugem no curral

e a lua fica arrepiada.

O que você quer, menino, assim tão de longe?

*(pausa)*

Os brancos montes no teu peito.

Que os galhos dancem ao sol

e as fontes cantem ao redor!

*(costura)*

Te digo, menino meu, que sim,

partida, quebrada para você.

Como me dói a cintura

que será seu primeiro berço!

Quando é que vai chegar, meu menino?

*(pausa)*

Quando a tua carne cheirando a jasmim.

Que os galhos dancem ao sol

e as fontes cantem ao redor!

*Yerma continua cantando. Entra Maria, com um pacote na mão.*

YERMA - Vem de onde?  
 MARIA - Da venda.  
 YERMA - Tão cedo.  
 MARIA - Sabe o que comprei?  
 YERMA - Café, açúcar, pão...?  
 MARIA - Não. Comprei renda e três metros de linho e lã colorida pra fazer barrados. O dinheiro, meu marido tinha, e me deu ele mesmo.  
 YERMA - Vai fazer uma blusa?  
 MARIA - Não. É porque... sabe?...  
 YERMA - O quê?  
 MARIA - Porque já chegou. (*Baixa a cabeça*)

*Yerma se levanta e olha para ela com admiração.*

YERMA – Aos cinco meses!  
 MARIA – É.  
 YERMA – Tem certeza?  
 MARIA – Claro.  
 YERMA – E o que você sente?  
 MARIA – Não sei. Angústia.  
 YERMA – Angústia. Mas... quando foi? Me diga. Você estava desprevenida?  
 MARIA – Estava.  
 YERMA – E cantando. Verdade? Eu canto... Você... me diga.  
 MARIA – Não me pergunte. Você nunca segurou um passarinho vivo, assim, na mão?  
 YERMA – Já.  
 MARIA – Pois é igual... só que por dentro da carne.  
 YERMA – Que lindo!  
 MARIA – Estou aturdida. Não sei nada.  
 YERMA – De quê?  
 MARIA – Do que eu tenho de fazer. Vou perguntar pra minha mãe.

- YERMA – Pra quê? Ela já está velha, deve ter esquecido essas coisas. Não ande muito e quando respirar, respire tão suave como se tivesse uma rosa entre os dentes.
- MARIA – Olhe, dizem que mais pra frente ele empurra devagarinho com as pernas.
- YERMA – Então é que se ama mais, quando já se diz: meu filho.
- MARIA – Com isso tudo, eu tenho vergonha.
- YERMA – E seu marido, o que diz?
- MARIA – Nada.
- YERMA – Te ama muito?
- MARIA – Não me diz. Mas fica do meu lado e os olhos dele tremem como duas folhas verdes.
- YERMA – Ele sabia que você...?
- MARIA – Sabia.
- YERMA – Como?
- MARIA – Não sei. Mas a noite em que a gente casou, me falava o tempo todo com a boca grudada no meu rosto. Tanto, que parece que o meu filho é um pombo de luz que ele me soprou na orelha.
- YERMA – Deus te abençoe.
- MARIA – Você deve saber disso mais do que eu.
- YERMA – Que me adianta?
- MARIA – É verdade. Por que será isso? De todas as noivas do seu tempo, você é a única.
- YERMA – Assim é. Claro que ainda tem tempo. A Elena levou três anos e outras mais antigas, do tempo da minha mãe, muito mais ainda, mas dois anos e vinte dias como eu, já é espera demais. Acho que não é justo eu me consumir assim. Muitas noites, saio descalça no pátio pra pisar na terra, não sei porquê. Se continuar assim, vou acabar ficando uma mulher má.
- MARIA – Mas o que é isso: você fala como se fosse uma velha. Não. Ninguém pode se queixar dessas coisas. Uma irmã da minha mãe teve filho aos catorze anos e tem de ver que beleza de menino!
- YERMA – Fazia como?

- MARIA – Chorava como um tourinho, com a força de mil cigarras cantando ao mesmo tempo e mijava na gente, puxava nossas tranças. E quando tinha quatro meses arranhava a cara da gente toda.
- YERMA – *(ri)* Mas essas coisas não doem.
- MARIA – Nem diga...
- YERMA – Vi minha irmã dar de mamar pro filho, com o peito cheio de gretas e doía muito, mas era uma dor fresca, boa, necessária pra saúde.
- MARIA – Dizem que com os filhos se sofre muito.
- YERMA – Mentira. Isso quem diz é mãe fraca, queixosa. Ter um filho não é ter um ramo de rosas. Temos de sofrer pra ver eles crescerem. Acho que levam embora metade do sangue da gente. Mas isso é bom, sadio, bonito. Cada mulher tem sangue pra quatro ou cinco filhos, e quando eles não vêm o sangue vira veneno, como vai acontecer comigo.
- MARIA – Não sei o que eu tenho.
- YERMA – Sempre ouvi dizer que a primeira gravidez assusta.
- MARIA – *(tímida)* Vamos ver... Como você costura bem!
- YERMA – *(o linho da mão dela)* Me dê. Eu corto duas roupinhas. E isto aqui?
- MARIA – São as fraldas.
- YERMA – *(senta-se)* Bom.
- MARIA – Então... já vou.
- YERMA – Não corra pelas pedras da rua.
- MARIA – Adeus. *(dá um beijo em Yerma e sai)*
- YERMA – Volte logo *(Yerma fica na mesma atitude do início. Pega a tesoura e começa a cortar. Entra Vítor.)* Ô, Vítor.
- VÍTOR – *(voz grave, profunda)* E o Juan?
- YERMA – No campo.
- VÍTOR – O que você está costurando?
- YERMA – Fraldas.
- VÍTOR – *(sorrindo)* É mesmo?
- YERMA – *(ri)* Vou arrematar com renda.
- VÍTOR – Se for menina você põe o seu nome.
- YERMA – *(trêmula)* Como?...
- VÍTOR – Fico contente por você.
- YERMA – *(quase sufocada)* Não... não são para mim. São pro filho da Maria.



VITOR – Bom. Vamos ver se com o exemplo dela você se anima. Faz falta uma criança nesta casa.

YERMA – (*angustiada*) Muita falta!

VITOR – Pois vá em frente. Fale pro seu marido pensar menos no trabalho. Ele quer juntar dinheiro e vai conseguir, mas pra quem vai deixar quando morrer? Eu vou cuidar das ovelhas. Diga pro Juan pegar as duas que ele comprou. E quanto ao resto: que se dane! (*sai, rindo*)

YERMA – (*com paixão*) Isso! Que se dane!

Te digo, menino meu, que sim,

partida, quebrada para você.

Como me dói a cintura

que será seu primeiro berço!

Quando é que vai chegar, meu menino?

Quando tua carne com cheiro de jasmim!

*Yerma se levanta e vai, pensativa, até o lugar onde Vítor estava. Aspira profundamente, como se aspirasse o ar da montanha. Depois, vai ao outro lado da sala, como se procurasse alguma coisa. Volta a sentar-se e pega a costura de novo, os olhos fixos num ponto.*

#### SEGUNDO QUADRO

*Campo. Yerma entra com um cesto. Entra a Velha 1.*

YERMA – Bom dia.

VELHA 1 – Bom dia linda menina. Aonde vai?

YERMA – Estou voltando de levar o almoço do meu marido que está trabalhando no olival.

VELHA 1 – Está casada faz muito tempo?

YERMA – Três anos.

VELHA 1 – Tem filhos?

YERMA – Não.

VELHA 1 – Já, já, você tem.

YERMA – (*com ansiedade*) Acha mesmo?

- VELHA 1 – E por que não? (*senta-se*) Eu também estou voltando de levar comida pro meu marido. Já é velho. Mas ainda trabalha. Tenho nove filhos como nove sóis, mas como nenhum é menina, estou eu aqui de um lado pro outro.
- YERMA – A senhora mora do outro lado do rio.
- VELHA 1 – É. Nos moinhos. Você de que família é?
- YERMA – Eu sou filha do Enrique pastor.
- VALHA 1 – Ah, o Enrique pastor. Conheci ele. Boa gente. Levantar. Suar, comer um pouco de pão e morrer. Sem brincadeira, sem mais nada. Férias é pros outros. Criatura de silêncio. Eu quase casei com um tio seu. Mas quê! Eu era mulher de fogo na saia, chegada numa fatia de melão, numa festa, numa torta doce. Quantas vezes eu ia até a porta de madrugada achando que estava ouvindo música de bandurrias pra lá e pra cá, mas era o vento. (*ri*) Você vai rir de mim. Eu tive dois maridos, catorze filhos; cinco morreram, mas mesmo assim não sou uma mulher triste e ainda queria viver muito mais. É o que eu digo: uma figueira, quanto dura? As casas, quanto duram? E só nós, mulheres endemoninhadas é que viramos pó por qualquer coisinha.
- YERMA – Queria perguntar uma coisa?
- VELHA 1 – O quê? (*olha para ela*) Eu sei o que você vai perguntar. Dessas coisas não se pode falar nada. (*levanta-se*)
- YERMA – (*detendo a velha*) Por que não? Senti confiança ouvindo a senhora falar. Faz tempo que estou querendo ter uma conversa com mulher mais velha. Porque eu quero entender. É. A senhora me diz...
- VELHA 1 – O quê?
- YERMA – (*baixando a voz*) A senhora sabe. Por que eu estou seca? Vou passar a vida inteira cuidando das aves ou botando cortininhas bem passadas na janela? Não. A senhora há de me dizer o que eu preciso fazer, eu faço qualquer coisa, nem que me mande enfiar uma agulha onde mais dói nos olhos.
- VELHA 1 – Eu? Eu não sei nada. Eu deitei de costas e comecei a cantar. Os filhos chegam como água. Ai! Quem tem coragem de dizer que esse seu corpo não é bonito? Você pisa no chão e no fim da rua o cavalo

relincha. Ai! Não me faça falar, não, moça. Eu penso muitas ideias que não quero falar.

YERMA – Por que? Com meu marido eu não falo de outra coisa!

VELHA 1 – Olhe. Você gosta do seu marido?

YERMA – Como?

VELHA 1 – Ama ele? Gosta de ficar com ele?

YERMA – Não sei.

VELHA 1 – Você fica tremendo quando ele chega perto de você? Não fica meio assim meia com sono quando ele chega perto da sua boca? Me diga.

YERMA – Não. Nunca senti isso.

VELHA 1 – Nunca? Nem quando dançava?

YERMA – (*lembrando*) Talvez... Uma vez... Com o Vítor...

VELHA 1 – Que mais?

YERMA – Ele me pegou pela cintura e eu não consegui dizer nada porque estava sem fala. Uma outra vez, o Vítor mesmo, eu tinha uns catorze anos (ele era um rapagão), me carregou no colo pra atravessar um canal e eu comecei a tremer de bater os dentes. Porque eu era muito envergonhada.

VELHA 1 – E com seu marido...

YERMA – Meu marido é outra coisa. Foi meu pai que escolheu e eu aceitei. Com alegria. É a pura verdade. Pois no primeiro dia que fiquei noiva dele já pensei... nos filhos... E me via nos olhos dele. É, e me via muito menina, muito dócil, como se eu fosse filha de mim mesma.

VELHA 1 – Tudo ao contrário de mim. Quem sabe por isso é que não pariu a tempo. Os homens precisam gozar, menina. Têm de desmanchar nossas tranças e dar de beber pra gente com a água da boca deles. É assim o mundo.

YERMA – O seu. Porque o meu, não. Eu penso muita coisa, muita, e tenho certeza que as coisas que penso meu filho vai realizar. Eu me entreguei ao meu marido por ele e continuo me entregando para ver se ele chega, mas nunca pra me divertir.

VELHA 1 – Por isso é que está vazia!

YERMA – Não, vazia não, porque estou me enchendo de ódio. Diga uma coisa: a culpa é minha? A gente tem de procurar no homem só o homem e

mais nada? Então o que pensar quanto ele deixa a gente na cama com os olhos tristes olhando o teto e ele vira e dorme? Tenho de pensar nele ou no que podia sair brilhando do meu peito? Eu não sei, mas me diga a senhora, por caridade! (*ajoelha-se*)

VELHA 1 – Ai, que flor aberta! Que criatura mais linda você. Me deixe. Não me faça falar mais nada. Não quero falar mais. Isso é questão de honra e eu não queimo a honra de ninguém. Você há de saber. De qualquer jeito, devia ser menos inocente.

YERMA – (*triste*) Pra menina criada no campo, como eu, toda porta está fechada. É tudo meias palavras, gestos, porque dizem que essas coisas todas a gente não pode saber. E a senhora também, a senhora também cala e vai embora com pose de doutora, sabendo tudo, mas negando pra alguém que está morrendo de sede.

VELHA 1 – Pra outra mulher mais serena, eu falava. Pra você não. Sou velha e sei o que estou dizendo.

YERMA – Então, que Deus me ajude.

VELHA 1 – Deus não. Eu nunca gostei de Deus. Quando vocês vão entender que Deus não existe? São os homens que têm de te amparar.

YERMA – Mas por que me diz isso, por quê?

VELHA 1 – (*saindo*) Mas bem que devia ter Deus, mesmo pequenininho, pra mandar uns raios contra os homens de semente podre que acabam com a alegria dos campos.

YERMA – Não entendo o que quer dizer.

VELHA 1 – Bom, eu me entendo. Não passe tristeza. Espere firme. Você ainda é muito moça. O que eu posso fazer? (*sai*)

*Entram duas Moças.*

MOÇA 1 – Por todo lado a gente encontra gente.

YERMA – Com o trabalho, os homens nos olivais, tem de levar comida para eles. Só os velhos ficam em casa.

MOÇA 2 – Está voltando da aldeia?

YERMA – Estou indo pra lá.

- MOÇA 1 – Eu estou com muito pressa. Deixei meu menino dormindo e não tem ninguém em casa.
- YERMA – Pois corra, mulher. Não se pode deixar criança sozinha. Vocês têm porcos em casa?
- MOÇA 1 – Não. Mas você tem razão. Vou correndo.
- YERMA – Vá. É assim que as coisas são. Você decerto deixou o menino trancado.
- MOÇA 1 – Claro.
- YERMA – Sei, mas vai ver que você não sabe muito bem como é menino pequeno. A coisa mais inofensiva pode acabar com uma criança. Uma agulhinha, um gole de água.
- MOÇA 1 – Tem razão. Vou correndo. É que eu não sou muito boa com essas coisas.
- YERMA – Vai. (*Moça 1 sai*)
- MOÇA 2 – Se tivesse quatro ou cinco não falava assim.
- YERMA – Por que? Nem que tivesse quarenta.
- MOÇA 2 – De qualquer jeito, você e eu, como a gente não tem, vive mais tranquila.
- YERMA – Eu não.
- MOÇA 2 – Eu sim. Quanta gana! Agora, a minha mãe toda hora me dá algum chá para eu ter e em outubro nós vamos lá ver o santo que dizem que dá para quem pede com fé. Minha mãe que vai pedir. Eu não.
- YERMA – Por que você casou?
- MOÇA 2 – Porque me casaram. Todas casam. Se continuar assim, só as meninas vão ser solteiras. Bom, e além disso... na verdade, a gente casa muito antes de ir na igreja. Mas as velhas é que se empenham nessas coisas. Eu tenho dezenove anos e não gosto nem de cozinhar nem de lavar. Bom; pois todo dia tenho de fazer o que eu não gosto. E pra quê? Por que meu marido precisa ser meu marido? Porque a gente, noivos, fazia a mesma coisa que agora. Besteira dos velhos.
- YERMA – Quieta, não diga essas coisas.
- MOÇA 2 – Você também vai me chamar de louca. A louca! A louca! (*ri*) Pois eu te digo a única coisa que aprendi na vida: está todo mundo enfiado dentro de casa fazendo o que não gosta. É tão melhor ficar no meio da

rua. Vou até o riacho, subo pra tocar os sinos, tomo um fresco de anis.

YERMA – Você é uma criança.

MOÇA 2 – Claro, mas não estou louca. *(ri)*

YERMA – Sua mãe mora na porta mais alta da aldeia?

MOÇA 2 – Mora, sim.

YERMA – Na última casa?

MOÇA 2 – É.

YERMA – Como ela chama?

MOÇA 2 – Dolores. Por quê?

YERMA – Por nada.

MOÇA 2 – Se perguntou é por alguma coisa.

YERMA – Não sei... é que dizem...

MOÇA 2 – Vá, você... Olhe, vou levar o almoço do meu marido. *(ri)* Precisa ver só. Que pena não poder falar meu noivo, não é? *(ri)* Lá vai a louca! *(Vai embora rindo alegremente)* Adeus!

VOA DE VITOR – *(cantando)* Por que dorme sozinho, pastor?

Por que dorme sozinho, pastor?

Na minha colcha de lã

ia dormir bem melhor.

Por que dorme sozinho, pastor?

YERMA – *(escutando)* Por que dorme sozinho, pastor?

Na minha colcha de lã

ia dormir bem melhor.

sua colcha de pedra escura,

pastor,

e sua camisa de geadas,

pastor,

juncos cinzentos no inverno

na noite da sua cama.

Os carvalhos soltam agulhas,

pastor,

debaixo do travesseiro,

pastor,

e se ouve voz de mulher  
 é a voz quebrada da água.  
 Pastor, pastor.  
 O que o monte espera de você?  
 pastor.  
 Monte de ervas amargas,  
 qual menino te matando?  
 O espinho do espinheiro!

*Vai sair, topa com Vítor que entra.*

VITOR – *(alegre)* Onde é que vai?

YERMA – Você que estava cantando?

VITOR – Eu.

YERMA – Que bonito! Nunca tinha ouvido você.

VITOR – Não?

YERMA – E que voz possante. Parece um jorro de água enchendo sua boca toda.

VITOR – Eu sou alegre.

YERMA – É verdade.

VITOR – Como você é triste.

YERMA – Eu não sou triste. É que eu tenho motivos pra ficar triste.

VITOR – E seu marido mais triste que você.

YERMA – Ele, sim. O jeito dele é seco.

VITOR – Sempre foi assim. *(pausa. Yerma está sentada)* Foi levar o almoço?

YERMA – Fui. *(olha para ele. Pausa)* O que tem aqui? *(aponta o rosto dele)*

VITOR – Onde?

YERMA – *(levanta-se e se aproxima de Vitor)* Aqui... no rosto. Parece uma queimadura.

VITOR – Não é nada.

YERMA – Parecia.

*Pausa.*

VITOR – Deve ser o sol...

YERMA – Talvez...

*Pausa. O silêncio se acentua e sem o menor gesto começa uma luta entre os dois personagens.*

YERMA – (*tremendo*) Está ouvindo?

VITOR – O quê?

YERMA – Não está ouvindo um choro?

VITOR – (*escutando*) Não.

YERMA – Me pareceu que tinha uma criança chorando.

VITOR – É?

YERMA – Muito perto. E chorando igual afogado.

VITOR – Por aqui tem sempre uma porção de meninos que vêm roubar fruta.

YERMA – Não. Era voz de criança pequena.

*Pausa.*

VITOR – Não escuto nada.

YERMA – Deve ser impressão minha.

*Olha fixamente para ele e Vitor olha para ela também, até que desvia os olhos lentamente, como se tivesse medo.*

*Entra Juan.*

JUAN – O que você ainda está fazendo aqui?

YERMA – Conversando.

VITOR – Boas. (*sai*)

JUAN – Tinha de estar em casa.

YERMA – Me distraí.

JUAN – Não entendo com o que você distraiu.

YERMA – Ouvi um passarinho cantar.

JUAN – Tá bom. Assim você vai dar o que falar.

YERMA – (*forte*) Juan, o que é isso?

JUAN – Não falo por você, falo pelos outros.



YERMA – Os outros que se danem!  
JUAN – Não fale assim. É feio mulher falar assim.  
YERMA – Antes eu fosse mulher.  
JUAN – Vamos parar com essa conversa. Vá pra casa.

*Pausa*

YERMA – Tudo bem. Espero você?  
JUAN – Não. Vou ficar regando as plantas a noite inteira. Tem pouca água, a minha é só até o sol nascer e tenho de defender dos ladrões. Vá pra cama e durma.  
YERMA – (*dramática*) Vou dormir! (*sai*)

## ATO II

## QUADRO 1

*Canto com a cortina fechada. Riacho onde as mulheres da aldeia lavam roupa.*

*As lavadeiras situadas em vários planos, cantam:*

Na água fria do rio  
lavo a sua faixa,  
como um jasmim bem quente  
é o seu riso.

LAVADEIRA 1 – Eu não falo nada.

LAVADEIRA 3 – Aqui a gente fala.

LAVADEIRA 4 – E não tem nada de mais.

LAVADEIRA 5 – Honra não se ganha, se merece.

LAVADEIRA 4 – Plantei um pé de tomilho, fiquei vendo ele crescer.

Quem quer ter honra que se comporte bem.

*Riem.*

LAVADEIRA 5 – Falou e disse.

LAVADEIRA 1 – Mas é que nunca se sabe.

LAVADEIRA 4 – A verdade é que o marido levou as duas irmãs pra morar com eles.

LAVADEIRA 5 – As solteiras?

LAVADEIRA 4 – É. As duas eram encarregadas de cuidar da igreja, agora cuidam da cunhada. Eu que não conseguia viver com elas.

LAVADEIRA 1 – Por quê?

LAVADEIRA 4 – Porque elas dão medo. Parecem aquelas folhas grandes que logo nascem em cima da sepultura. Untadas com cera. As duas viradas pra dentro. Pra mim elas fazem a comida com o óleo do lampião.

LAVADEIRA 3 – E estão morando na casa?

LAVADEIRA 4 – Desde ontem. O marido foi de novo cuidar da terra dele.

LAVADEIRA 1 – Mas será que dá pra saber o que aconteceu?

LAVADEIRA 5 – Anteontem ela passou a noite sentada na porta, apesar do frio.

LAVADEIRA 1 – Mas por quê?

LAVADEIRA 4 – Não consegue ficar dentro de casa.

LAVADEIRA 5 – Mulher machorra é assim mesmo: podia estar em casa fazendo tricô ou compota de maçã, mas prefere subir no telhado e andar descalça pelo rio.

LAVADEIRA 1 – Quem é você pra falar uma coisa dessas? Não é por culpa dela que ela não tem filho.

LAVADEIRA 4 – Quem quer ter filho tem. É que mulher folgada, frouxa, mimada não quer ficar com a barriga enrugada.

LAVADEIRA 3 – E passam na cara pó branco e rosado, botam uma flor no cabelo em busca de outro que não o marido.

LAVADEIRA 5 – Não tem como negar!

LAVADEIRA 1 – Mas vocês viram ela com outro?

LAVADEIRA 4 – A gente não, mas tem gente que viu.

LAVADEIRA 1 – Gente sempre faladeira.

LAVADEIRA 5 – Diz que duas vezes.

LAVADEIRA 2 – E fazendo o quê?

LAVADEIRA 4 – Conversando

LAVADEIRA 1 – Conversar não é pecado.

LAVADEIRA 4 – Se tem uma coisa neste mundo é o olhar. Minha mãe sempre dizia. Uma mulher que olha uma roseira não é a mesma coisa que uma mulher que olha as coxas dum homem. Ela olha.

LAVADEIRA 1 – Mas de quem?

LAVADEIRA 4 – De um aí, não está sabendo? Quer saber, quer que eu fale mais alto? (*risos*) E quando não olha, porque está sozinha, porque ele não está na frente dela, tem um retrato no olho dela.

LAVADEIRA 1 – Mentira!

*Algazarra.*

LAVADEIRA 5 – E o marido?

LAVADEIRA 3 – O marido se faz de surdo. Paradão, feito um lagarto no sol.

*Riem.*

LAVADEIRA 1 – Se eles tivessem filhos, ia tudo pro lugar.

LAVADEIRA 2 – É tudo problema de gente que não vive de acordo com seu destino.

LAVADEIRA 4 – Cada hora que passa aumenta o inferno naquela casa. Ela e as cunhadas, de boca fechada, o dia inteiro limpando as paredes, areando os cobres, limpando os vidros com o bafo, engraxando os sapatos, porque quanto mais rebrilha a casa mais queima por dentro.

LAVADEIRA 1 – A culpa é dele, dele; quando um pai não faz filho tem de cuidar de mulher.

LAVADEIRA 4 – A culpa é dela com aquela língua dura feito pedra.

LAVADEIRA 1 – Que demônio se enrolou no seu cabelo pra você falar assim?

LAVADEIRA 4 – E quem deu licença pra tua boca dar conselho pra mim?

LAVADEIRA 2 – Quietas!

LAVADEIRA 1 – Eu com uma agulha de cerzir fechava as bocas venenosas.

LAVADEIRA 2 – Quieta!

LAVADEIRA 4 – E eu o peito das falsas.

LAVADEIRA 2 – Quietas. Olha as cunhadas chegando.

*Murmúrios. Entram as duas cunhadas de Yerma. Vestidas de luto.*

*Se põem a lavar em meio ao silêncio.*

*Ouvem-se sinetas.*

LAVADEIRA 1 – Os pastores já vão?

LAVADEIRA 3 – É, agora vão levar todos os rebanhos.

LAVADEIRA 4 – (*aspirando*) Gosto do cheiro das ovelhas.

LAVADEIRA 3 – É mesmo?

LAVADEIRA 4 – E por que não? O cheiro que as coisas têm. Como gosto do cheiro do limo vermelho que o rio traz no inverno.

LAVADEIRA 3 – Frescura!

LAVADEIRA 5 – (*olhando*) Os rebanhos vão todos juntos.

LAVADEIRA 4 – Olha como correm! Que manada de inimigos!

LAVADEIRA 1 – Já foram todos. Não falta nenhum.

LAVADEIRA 4 – Vamos ver... Não... Falta um, sim.

LAVADEIRA 5 – Qual?

LAVADEIRA 4 – O do Vítor.

*As duas cunhadas se erguem e olham.*

Na água fria do rio  
lavo a sua faixa,  
como um jasmim bem quente  
é o seu riso.  
Quero viver  
na neve pequenina  
desse jasmim.

LAVADEIRA 1 – Ai da casada seca!  
Ai da que tem peitos de areia!

LAVADEIRA 5 – Me diga se teu marido  
guarda semente  
pra água cantar  
na sua camisa.

LAVADEIRA 4 – É a sua camisa  
nave de prata e vento  
pela margem do rio.

LAVADEIRA 1 – As roupas do meu menino  
venho eu lavar aqui  
para que aprenda com a água  
lições claras de cristal.

LAVADEIRA 2 – Pelo monte chega já  
meu marido pra comer.  
Ele me traz uma rosa  
e eu pra ele dou três.

LAVADEIRA 5 – Pelo campo já veio  
meu marido pra jantar.  
As brisas que ele me entrega  
com murta eu cubro todas.

LAVADEIRA 4 – Pelo ar vem vindo  
meu marido pra dormir.

Eu sou goivos vermelhos  
 ele vermelho goivo é.

- LAVADEIRA 1 – Tem de juntar flor com flor  
 quando o verão seca o sangue do segador.
- LAVADEIRA 4 – E abrir o ventre pra passarinho sem sono  
 quando o inverno bate na porta, tremendo.
- LAVADEIRA 1 – Tem de gemer no lençol.
- LAVADEIRA 4 – Tem de cantar!
- LAVADEIRA 5 – Quando o homem nos traz  
 o presente e o pão.
- LAVADEIRA 4 – Porque os braços abraçam
- LAVADEIRA 2 – Porque a luz quebra na garganta
- LAVADEIRA 4 – Fica mais doce o talo dos ramos.
- LAVADEIRA 1 – E os toldos do vento cobrem as montanhas.
- LAVADEIRA 6 – *(aparece no alto do rio)*  
 Pra que um filho produza  
 duros vidros da aurora.
- LAVADEIRA 1 – E nosso corpo tem  
 ramos furiosos de coral.
- LAVADEIRA 6 – Pra ter remadores  
 nas águas do mar.
- LAVADEIRA 1 – Um menino pequeno, um menino.
- LAVADEIRA 2 – E as pombas abrem as asas e o bico.
- LAVADEIRA 3 – Um menino que geme, um filho.
- LAVADEIRA 4 – E os homens avançam  
 como cervos feridos.
- LAVADEIRA 5 – Alegria, alegria, alegria,  
 ventre redondo debaixo da camisa!
- LAVADEIRA 2 – Alegria, alegria, alegria,  
 o umbigo um cálice, terna maravilha!
- LAVADEIRA 1 – Mas ai da casada seca!  
 Ai da que tem peitos de areia!
- LAVADEIRA 3 – Que se queime!
- LAVADEIRA 2 – Que corra!

LAVADEIRA 5 – Que volte a queimar!

LAVADEIRA 1 – Que cante!

LAVADEIRA 2 – Que se esconda!

LAVADEIRA 6 – A aurora que meu filho  
leva no avental.

*Cantam todas em coro.*

TODAS – Na água fria do rio  
lavo a sua faixa,  
como um jasmim bem quente  
é o seu riso.  
Ha, ha, ha!

*Mexem os panos no ritmo e batem.*

## QUADRO 2

*Casa de Yerma. Entardecer. Juan sentado, as duas cunhadas de pé.*

JUAN – Ela saiu agora há pouco? *(A irmã mais velha responde com a cabeça.)*  
Deve estar na fonte. Mas vocês já sabem que não gosto de sair sozinha. *(pausa)* Pode pôr a mesa. *(a irmã mais nova sai)* Sou eu que ganho o pão que como. *(para a irmã)* Ontem foi um dia duro. Estava podando as macieiras e no fim da tarde comecei a pensar para quê tanto esforço no trabalho se não posso levar uma maçã até a boca. Já basta. *(passa a mão no rosto, pausa)* E essa que não vem... Uma de vocês devia sair com ela, porque é para isso que estão aqui comendo da minha despensa e bebendo meu vinho. Minha vida está no campo, mas minha honra está aqui. E minha honra é também a de vocês. *(a irmã baixa a cabeça)* Não me leve a mal. *(Yerma entra com dois cântaros. Fica parada na porta.)* Está vindo da fonte?

YERMA – Pra ter água fresca pro jantar. *(sai a outra irmã)* Como está o campo?

JUAN – Ontem podei as árvores.

*Yerma* pouisa os cântaros no chão. *Pausa.*

- YERMA – Veio pra ficar?
- JUAN – Tenho de cuidar do gado. Você sabe que é serviço pro dono.
- YERMA – Sei muito bem. Não precisa repetir.
- JUAN – Cada homem com sua vida.
- YERMA – E cada mulher com a sua. Não peço que fique em casa. Tenho aqui tudo o que preciso. Suas irmãs me cuidam bem. Pão quente, requeijão, cordeiro assado eu como aqui, e o pasto cheio de orvalho pro seu gado no monte. Acho que você pode viver em paz.
- JUAN – Pra viver em paz precisa estar tranquilo.
- YERMA – E você não está?
- JUAN – Não estou.
- YERMA – Está mudando de assunto.
- JUAN – Você não sabe como eu sou? As ovelhas no curral e as mulheres em casa. Você sai demais. Não escuta quando repito isso?
- YERMA – Certo. As mulheres dentro de casa. Quando as casas não são tumbas. Quando as cadeiras quebram e os lençóis de linho ficam gastos pelo uso. Mas aqui não. Toda noite, quando deito, a cama está mais nova, mais reluzente, como se tivesse acabado de chegar da cidade.
- JUAN – Você mesma reconhece que tenho razão de me queixar. Que tenho motivos pra estar alerta!
- YERMA – Alerta pra quê? Eu não ofendo em nada. Vivo submissa a você, e o que eu sofro guardo grudado na carne. E cada dia que passa vai ser pior. Vamos parar de falar. Eu hei de saber levar minha cruz o melhor possível, mas não me pergunte nada. Se pudesse de repente ficar velha com a boca igual a uma flor amassada, você podia sorrir e conviver comigo. Agora, agora me deixe com meus tormentos.
- JUAN – Você fala de um jeito que eu não entendo. Não te proíbo de nada. Mando buscar nas aldeias vizinhas as coisas que você gosta. Eu tenho meus defeitos, mas quero viver em paz e sossego com você. Quero dormir fora e pensar que você está dormindo também.
- YERMA – Mas eu não durmo, não consigo dormir.



JUAN – Te falta alguma coisa? Diga! Responda!

YERMA – (*intensa, olhando fixamente o marido*) Me falta, sim.

*Pausa*

JUAN – Sempre a mesma coisa. Já faz mais de cinco anos. Eu já estou quase esquecendo.

YERMA – Mas eu não sou você. Os homens têm outra vida: o gado, as árvores, as conversas e nós mulheres não temos mais que esta da cria e do cuidado com a cria.

JUAN – Nem todo mundo é igual. Por que você não traz um filho do seu irmão? Eu não me oponho.

YERMA – Não quero cuidar de filho dos outros. Parece que vão me gelar os braços se ficar com eles.

JUAN – Com esses achaques você vive feito louca, sem pensar no que devia e acaba ficando com a cabeça dura feito pedra.

YERMA – Pedra que é uma infâmia que seja pedra, porque devia ser era um cesto de flores e de água doce.

JUAN – A seu lado a gente só sente inquietação, desassossego. Em último caso, você devia se resignar.

YERMA – Não vim pra estas quatro paredes pra me resignar. Quando estiver com um lenço amarrado na cabeça pra minha boca não abrir, e as mãos bem amarradas dentro do caixão, aí eu vou me resignar.

JUAN – Então o que você quer fazer?

YERMA – Quero beber água e não tem copo nem água, quero subir o monte mas não tenho pés, quero bordar minhas anáguas mas não encontro o fio.

JUAN – O que acontece é que você não é uma mulher de verdade e quer ver a ruína de um homem sem vontade.

YERMA – Eu não sei quem eu sou. Me deixe andar e desabafar. Nunca falhei com você.

JUAN – Não gosto que as pessoas me apontem na rua. Por isso quero ver essa porta fechada e cada um dentro da sua casa.

*Entra a irmã mais velha lentamente e se aproxima do guarda-comida.*

YERMA – Não é pecado falar com as pessoas.

JUAN – Mas pode parecer.

*Entra a irmã mais nova, vai até os cântaros e enche uma jarra.*

JUAN – *(baixando a voz)* Eu não tenho forças pra essas coisas. Quando falarem com você, feche a boca e lembre que é uma mulher casada.

YERMA – *(com assombro)* Casada!

JUAN – E que as famílias têm honra e a honra é uma carga que todos levam juntos. *(sai a irmã com a jarra, lentamente)*. Mas que está escura e fraca nas próprias veias do sangue. *(entra a outra irmã com uma tigela quase como numa procissão. Pausa)* Perdão. *(Yerma olha para o marido, ele levanta a cabeça e se choca com o olhar)* Você olha de um jeito que eu não devia responder com “perdão”, mas sim te obrigar, te prender, porque pra isso sou o marido.

*As duas irmãs na porta.*

YERMA – Por favor, não fale nada. Deixe quieta essa história.

*Pausa.*

JUAN – Vamos comer. *(as irmãs saem)* Ouviu?

YERMA – *(doce)* Coma você com suas irmãs. Eu ainda não estou com fome.

JUAN – Você é que sabe. *(sai)*

YERMA – *(como se sonhasse)* Ai, que prado de penas!

Ai, que porta fechada à beleza!

eu peço pra sofrer um filho e o ar

me oferece dalias de lua dormida.

Estas duas fontes que eu tenho

de leite morno são, dentro

da minha carne, pulsações de cavalo

a latejar nos ramos de minha angústia.

Ai, peitos cegos debaixo do meu vestido!  
 Ai, pombas sem olhos nem brancura!  
 Ai, que dor de sangue prisioneiro  
 a me cravar vespas na nuca!  
 Mas você há de vir, amor, meu menino,  
 porque a água dá sal, a terra fruta,  
 e nosso ventre guarda ternos filhos,  
 como a nuvem leva doce chuva.

*(olha para a porta)*

Maria! Por que passa tão depressa pela porta da minha casa?

MARIA – *(entra com uma criança nos braços)* Só quando estou com o menino... você como sempre, chorando!

YERMA – Tem razão. *(pega a criança e se senta)*

MARIA – Fico triste de você sentir inveja.

YERMA – Não é inveja o que eu sinto. É pobreza.

MARIA – Não se queixe.

YERMA – Como não vou me queixar quando você e todas as outras mulheres cheias de flores por dentro e eu me vejo inútil no meio de tanta beleza!

MARIA – Mas você tem outras coisas. Se me ouvisse podia ser feliz.

YERMA – A mulher do campo que não dá filhos é tão inútil como um punhado de espinhos, e até ruim, apesar de eu ser este resto deixado pela mão de Deus. *(Maria faz um gesto, como se fosse pegar a criança)* Tome, com você ele fica melhor. Eu não devo ter mão de mãe.

MARIA – Por que diz isso?

YERMA – *(levanta-se)* Porque estou farta. Porque estou farta de ter as mãos e não poder usar em coisa própria. Porque estou ofendida, ofendida e rebaixada até o último, vendo que os trigos brotam, que as fontes não param de dar água, que as ovelhas parem centenas de cordeiros e as cachorras, e porque parece que o campo todo se levanta e me mostra suas crias tenras, adormecidas, enquanto eu sinto duas marteladas aqui na boca de meu menino.

MARIA – Não gosto do que está dizendo.

- YERMA – Vocês mulheres que têm filhos não conseguem pensar em nós que não temos. Sempre leves, ignorantes, como alguém que nada na água doce e nem faz ideia da sede.
- MARIA – Não quero te dizer o que sempre digo.
- YERMA – Cada vez tenho mais desejo e menos esperança.
- MARIA – Muito ruim.
- YERMA – Vou acabar achando que eu mesma sou meu filho. Muitas vezes, desço pra jogar comida pros bois, coisa que não fazia antes, porque mulher nenhuma faz, e quando passo pelo escuro do barracão o som dos meus passos é de passos de homem.
- MARIA – Cada criatura tem sua razão.
- YERMA – Apesar de tudo, continua gostando de mim. Está vendo como eu vivo!
- MARIA – E suas cunhadas?
- YERMA – Prefiro me ver morta sem mortalha se algum dia trocar uma palavra com elas.
- MARIA – E seu marido?
- YERMA – Três contra mim.
- MARIA – O que eles estão pensando?
- YERMA – Fantasias. De gente que não tem a consciência tranquila. Acham que posso gostar de outro homem e não sabem que, mesmo que gostasse, pra mim a honra vem em primeiro lugar. São pedras pra mim. Mas eles não sabem que eu, se quiser, posso ser água do rio que leva todas embora.

*Uma irmã aparece com um pão.*

- MARIA – De qualquer jeito, acho que seu marido continua gostando de você.
- YERMA – Meu marido me dá pão e casa.
- MARIA – Que difícil pra você, que difícil! Mas pense nas chagas de Nosso Senhor. (*param na porta*)
- YERMA – (*olhando o bebê*) Já acordou.
- MARIA – Daqui a pouco começa a cantar.
- YERMA – Tem os seus olhos, sabia? Notou? (*chora*) Tem os olhos iguais aos seus!

*Yerma empurra Maria delicadamente e ela sai, silenciosa.*

*Yerma vai para a porta por onde saiu seu marido.*

MOÇA 2 – Psiu.

YERMA – *(se volta)* O que foi?

MOÇA 2 – Esperei ela sair. Minha mãe está te esperando.

YERMA – Está sozinha?

MOÇA 2 – Com duas vizinhas.

YERMA – Peça pra esperarem um pouco.

MOÇA 2 – Mas você vai? Não tem medo?

YERMA – Eu vou.

MOÇA 2 – Veja lá!

YERMA – Que me esperem mesmo que fique tarde!

*Entra Vítor.*

VITOR – O Juan está?

YERMA – Está.

MOÇA 2 – *(cúmplice)* Então, daqui a pouco eu trago a blusa.

YERMA – Quando quiser. *(A moça sai)* Sente.

VITOR – Estou bem assim.

YERMA – *(chama)* Juan!

VITOR – Vim me despedir. *(Estremece ligeiramente, mas retoma a serenidade)*

YERMA – Vai embora com seus irmãos?

VITOR – É a vontade do meu pai.

YERMA – Já deve estar velho.

VITOR – Está muito velho.

*Pausa.*

YERMA – Faz bem de mudar de campo.

VITOR – Todo campo é igual.

YERMA – Não. Eu iria pra muito longe.

- VITOR – Dá na mesma. As mesmas ovelhas com a mesma lã.
- YERMA – Pros homens, sim, mas pras mulheres, nós somos outra coisa. Nunca ouvi um homem comendo dizer: que gostosa esta maçã. Fazem o que têm de fazer sem reparar nos detalhes. Por mim, o que digo é que não aguento mais a água destes poços.
- VITOR – Pode ser.

*A cena está numa suave penumbra.*

- YERMA – Vítor.
- VITOR – Diga.
- YERMA – Por que vai embora? Aqui todo mundo gosta de você.,
- VITOR – Eu fiz tudo direito.

*Pausa*

- YERMA – Fez tudo direito. Quando era rapaz me carregou no colo uma vez, lembra? Nunca se sabe o que vai acontecer.
- VITOR – Tudo muda.
- YERMA – Algumas coisas não mudam. Tem coisa trancada atrás das paredes que não podem mudar porque ninguém escuta.
- VITOR – É verdade.

*Aparece a outra irmã e vai lentamente até a porta, onde fica fixa, iluminada pela última luz da tarde.*

- YERMA – Porque se saíssem de repente e gritassem, enchiam o mundo inteiro.
- VITOR – Não ia adiantar nada. O canal segue seu curso, o rebanho no curral, a lua no céu e o homem com seu arado.
- YERMA – Que pena enorme não poder ouvir os conselhos dos velhos!

*Ouve-se o som prolongado e melancólico dos berrantes dos pastores.*

- VITOR – Os rebanhos.

JUAN – (*entra*) Já vai pegar a estrada?  
 VITOR – E quero passar no porto antes do amanhecer.  
 JUAN – Vai levar alguma queixa de mim?  
 VITOR – Não. Você sempre foi bom pagador.  
 JUAN – (*para Yerma*) Eu comprei os rebanhos.  
 YERMA – É?  
 VITOR – (*para Yerma*) São teus.  
 YERMA – Eu não sabia.  
 JUAN – (*satisfeito*) Mas são.  
 VITOR – Seu marido quer ver a fazenda cheia.  
 YERMA – O fruto vem das mãos de quem trabalha.

*A irmã que está na porta sai.*

JUAN – Já nem tem mais lugar pra tanta ovelha.  
 YERMA – (*sombria*) A terra é grande.

*Pausa*

JUAN – Vamos juntos até o rio.  
 VITOR – Desejo a maior felicidade pra esta casa. (*dá a mão a Yerma*)  
 YERMA – Deus te ouça! Força!

*Vitor vai sair mas a um movimento imperceptível de Yerma se volta.*

VITOR – O que disse?  
 YERMA – (*dramática*) Força, eu disse.  
 VITOR – Obrigado.

*Saem. Yerma fica angustiada olhando a mão que apertou a mão de Vitor.  
 Vai depressa até a esquerda e pega um xale.*

MOÇA 2 – Vamos. (*em silêncio, cobrindo a cabeça*)  
 YERMA – Vamos. (*saem sigilosamente*)

*A cena está quase escura.*

*Entra a irmã mais velha com uma vela que não deve iluminar quase nada o palco, além da luz da chama.*

*Vai até o lado oposto, procurando Yerma.*

*Soam os berrantes dos pastores.*

CUNHADA 1 – *(em voz baixa)* Yerma!

*Entra a outra cunhada. As duas se olham e se dirigem à porta.*

CUNHADA 2 – *(mais alto)* Yerma!

CUNHADA 1 – *(vai até a porta e com voz imperiosa)* Yerma!

*Ouvem-se os berrantes e os cincerros dos pastores. A cena está escuríssima.*



## ATO III

## QUADRO 1

*Casa da Dolores, a curandeira. Está amanhecendo.*

*Entra Yerma com Dolores e duas velhas.*

DOLORES – Você foi valente.

VELHA 1 – Não tem no mundo força maior que o desejo.

VELHA 2 – Mas o cemitério estava muito escuro.

DOLORES – Eu muitas vezes fiz essas rezas no cemitério com mulheres que queriam filho e todas ficaram com medo. Todas menos você.

YERMA – Eu vim pelo resultado. Acho que a senhora não é enganadora.

DOLORES – Não sou. Que a minha língua fique cheia de formigas, como a boca dos mortos, se alguma vez eu menti. Da última vez, fiz a reza com uma mulher mendiga que estava seca mais tempo que você, e adoçou o ventre dela dum jeito tão lindo que teve duas criaturas ali debaixo, no rio, porque não deu tempo de chegar em casa e ela mesma me trouxe as crianças num pano pra eu ajeitar.

YERMA – E conseguiu vir andando desde o rio?

DOLORES – Veio. Com o sapato e as saias empapados de sangue... mas com a cara reluzindo.

YERMA – E não aconteceu nada com ela?

DOLORES – E o que podia acontecer? Deus é Deus.

YERMA – Claro, Deus é Deus. Não podia acontecer nada. A não ser pegar as crianças e lavar com água viva. Bicho lambe a cria, verdade? Eu não ia ter nojo do meu filho. Tenho na cabeça que as recém paridas ficam iluminadas por dentro e os meninos dormem horas e horas em cima delas, ouvindo esse regato de leite morno que vai enchendo os peitos delas pra eles mamarem, pra brincarem até não querer mais, até virarem a cabeça: “Mais um pouquinho, menino...” e ficam com a cara e o peito cheios de gotas brancas.

DOLORES – Você agora vai ter filho. Eu garanto.

YERMA – Vou ter porque tenho de ter. Ou não entendo mais o mundo. Às vezes, quando já tenho certeza que nunca, nunca... me sobe como uma onda

de fogo pelos pés e fica tudo vazio pra mim, os homens que andam na rua, os touros, as pedras, tudo parece de algodão. E eu me pergunto: “Por que será que andam por aí?”

VELHA 1 – Está certo uma casada querer filho, mas se não tem, por que essa gastura de ter? O importante neste mundo é deixar que o tempo leve a gente. Não estou criticando. Você viu que ajudei na reza. Mas que terra espera dar pro seu filho, que felicidade, que cadeirinha de prata?

YERMA – Eu não penso no amanhã, penso no hoje. A senhora já está velha e já vê tudo como se fosse um livro lido. Eu acho que tenho sede e não tenho liberdade. Quero ter um filho nos braços pra dormir tranquila, escute bem e não se espante com o que eu vou dizer: mesmo que soubesse que meu filho ia me martirizar depois, ia me odiar e me arrastar na rua pelo cabelo, ia receber com gozo o nascimento dele, porque é muito melhor chorar por um homem vivo que apunhala a gente do que chorar por esse fantasma sentado ano após ano em cima do meu coração.

VELHA 1 – Você é muito nova pra ouvir conselho. Mas enquanto espera pela graça de Deus tem de se amparar no amor do seu marido.

YERMA – Ai! A senhora pôs o dedo na ferida mais funda da minha carne.

DOLORES – Seu marido é bom...

YERMA – (*levanta-se*) É bom! É bom! E daí? Melhor fosse mau. Mas não. Ele vai com as ovelhas pelo caminho e conta o dinheiro de noite. Quando me cobre está cumprindo o dever, mas sinto a cintura dele fria, como se tivesse o corpo morto e eu, que sempre tive asco das mulheres ardentes, nessa hora queria ser uma montanha de fogo.

DOLORES – Yerma!

YERMA – Não sou uma casada indecente; mas sei que o filho nasce é do homem e da mulher. Ai, seu eu pudesse ter filho sozinha!

DOLORES – Pense que seu marido também sofre.

YERMA – Não sofre. O que acontece é que ele não sente falta de filhos.

VELHA 1 – Não diga isso!

YERMA – Eu vejo nos olhos dele e como não sente falta, não me dá o que não quer. Eu não quero, não quero isso, mas por outro lado é minha única salvação. Por minha honra e minha família. Minha única salvação.

VELHA 1 – *(com medo)* Logo vai amanhecer. Tem de ir pra sua casa.

DOLORES – Não demora pra saírem os rebanhos e não convém que vejam você sozinha.

YERMA – Eu precisava desse desafogo. Quantas vezes repito as rezas?

DOLORES – A oração do louro duas vezes e ao meio dia a de Santa Ana. Quando ficar grávida me traga a medida de trigo que prometeu.

VELHA 1 – Por cima dos montes já começou a clarear. Vá.

DOLORES – Como já vão começar a abrir os portões, dê uma volta pelo canal.

YERMA – *(com desalento)* Não sei por que vim aqui!

DOLORES – Está arrependida?

YERMA – Não.

DOLORES – *(perturbada)* Se está com medo vou com você até a esquina.

VELHA 1 – *(inquieta)* O dia já vai estar claro quando chegar na sua casa.

*Ouvem-se vozes.*

DOLORES – Quieta! *(escutam)*

VELHA 1 – Não é ninguém. Vá com Deus.

*A velha se dirige à porta e nesse momento chamam por ela.*

*As três mulheres ficam paradas.*

DOLORES – Quem é?

VOZ – Sou eu.

YERMA – Abra. *(Dolores hesita)* Vai abrir ou não?

*Ouvem-se murmúrios. Juan entra com as duas cunhadas.*

CUNHADA 2 – Está aqui.

YERMA – Estou.

JUAN – O que está fazendo aqui? Se pudesse falar, acordava a aldeia inteira pra que vissem onde foi parar a honra da minha casa. Mas hei de afogar e calar porque você é minha mulher.

- YERMA – Se pudesse falar, também eu falava pra que os mortos levantem e vejam a limpeza que me cobre.
- JUAN – Não, isso não! Eu aguento tudo, menos isso. Você me engana, me enrola, e como sou homem que trabalha na terra, não tenho tino pras tuas astúcias.
- DOLORES – Juan!
- JUAN – Vocês, nem uma palavra!
- DOLORES – (*forte*) Sua mulher não fez nada de mal.
- JUAN – Está fazendo desde o primeiro dia de casada. Me olhando com duas agulhas, passando a noite acordada com os olhos abertos do meu lado e enchendo de maus suspiros meu travesseiro.
- YERMA – Quietos!
- JUAN – Eu não aguento mais. Porque precisa ser de ferro pra ver do seu lado uma mulher que quer meter os dedos no seu coração e que de noite sai de casa procurando o quê? me diga! Procurando o quê? As ruas estão cheias de machos. Na rua não tem flores pra cortar.
- YERMA – Não admito que diga nem uma palavra. Nem uma mais. Você e a sua gente acham que são os únicos que têm honra e não sabem que minha família nunca teve nada o que esconder. Anda. Chegue perto de mim e cheire o meu vestido. Chegue! Pra ver se encontra algum cheiro que não seja o seu, que não seja do seu corpo. Me ponha nua no meio da praça e cuspa em cima de mim. Faça comigo o que quiser, porque sou tua mulher, mas não ponha nome de homem nos meus peitos.
- JUAN – Não sou eu que ponho, é você com esse seu jeito. E o povo começa a falar. Começa a falar claramente. Quando chego num grupo, todo mundo se cala; quando vou pesar a farinha, todo mundo se cala, e até de noite, no campo, quando acordo, parece que se calam também os ramos das árvores.
- YERMA – Eu não sei por que começa o vento mau que derruba o trigo e vigie você se o trigo é bom!
- JUAN – Não sei o que uma mulher procura toda hora fora do seu teto.
- YERMA – (*num impulso, abraçando o marido*) Procuro você. Procuro você, é você que eu procuro dia e noite, sem encontrar uma sombra onde respirar. É o teu sangue e o teu amparo que eu desejo.

JUAN – Afasta.  
 YERMA – Não me afaste e deseje comigo.  
 JUAN – Sai!  
 YERMA – Olhe como fico só. Como se a lua procurasse ela mesma pelo céu.  
 Olhe pra mim! (*olha para ele*)  
 JUAN – (*olha para ela e a afasta bruscamente*) Me deixa de uma vez!  
 DOLORES – Juan!

*Yerma cai no chão.*

YERMA – (*alto*) Quando saía por causa dos meus tormentos, topei com o muro. Ai! Ai!  
 É nesse muro que tenho de espatifar minha cabeça.  
 JUAN – Quieta. Vamos.  
 DOLORES – Meu Deus!  
 YERMA – (*aos gritos*) Maldito seja meu pai, que me deixou seu sangue de pai de cem filhos! Maldito seja meu sangue, que procura filhos se batendo pelas paredes!  
 JUAN – Calada eu disse!  
 DOLORES – Vem vindo gente! Falem baixo.  
 YERMA – Não me importa. Me deixem livre ao menos a voz, agora que estou entrando no mais escuro do poço. (*levanta-se*) Deixem que do meu corpo saia sequer essa coisa bela e que encha o ar.

*Ouvem-se vozes.*

DOLORES – Vão passar por aqui.  
 JUAN – Silêncio.  
 YERMA – Isso! Isso! Silêncio. Não se preocupe.  
 JUAN – Vamos. Logo!  
 YERMA – Pronto! Pronto! E não adianta nada eu torcer as mãos! Uma coisa é querer com a cabeça...  
 JUAN – Quieta.  
 YERMA – (*baixo*) Uma coisa é querer com a cabeça, outra coisa é que o corpo, maldito seja o corpo!, não responda. Está escrito e não vou me pôr a lutar com

o braço quebrado contra os mares. Pronto! Que minha boca emudeça!  
(*sai*)

## QUADRO 2

*Em volta de uma capela, em plena montanha.*

*Em primeiro plano, umas rodas de carro e umas mantas formando uma tenda rústica onde está Yerma.*

*Na capela entram as mulheres com oferendas. Estão descalças.*

*Em cena, a velha alegre do primeiro ato.*

*Canto com a cortina fechada.*

Não pude te ver  
quando era solteira  
mas agora casada  
te encontrarei.  
Te despirei  
casada e romeira  
quando no escuro  
soar meia noite.

VELHA – (*irônica*) Já bebeu a água santa?

MULHER 1 – Já.

VELHA – Agora é ver esse aí.

MULHER 1 – A gente acredita nele.

VELHA – Vocês vêm tudo pedir filho pro santo e acontece que cada ano vem mais homem sozinho nesta romaria. Por que será isso? (*ri*)

MULHER 1 – Pra que a senhora vem se não acredita?

VELHA – Pra ver. Fico louca pra ver. E cuidar do meu filho. Ano passado mataram dois por causa de uma casada seca e eu quero vigiar. No fim das contas, venho porque me dá na telha.

MULHER 1 – Que Deus te perdoe! (*saem*)

VELHA – (*com sarcasmo*) Que perdoe você! (*sai*)

*Entram Maria e a Moça 1*

- MOÇA 1 – E ela veio?
- MARIA – Olhe o carro aí. Foi difícil trazer ela aqui. Faz um mês que não levanta da cadeira. Estou preocupada com ela. Tem alguma ideia que eu não sei qual é, mas que coisa boa não é.
- MOÇA 1 – Eu vim com a minha irmã. Faz oito anos que ela vem, sem resultado nenhum.
- MARIA – Tem filho quem tem de ter.
- MOÇA 2 – É o que eu digo.

*Ouvem-se vozes.*

- MARIA – Eu nunca gostei desta romaria. Vamos até o terreiro que é onde todo mundo fica.
- MOÇA 1 – Ano passado, quando escureceu, uns homens bolinaram os peitos da minha irmã.
- MARIA – Nas quatro léguas em torno a gente só ouve falar coisa ruim.
- MOÇA 1 – Eu vi mais de quarenta tonéis de vinho atrás dos fundos da capela.
- MARIA – Um rio de homens sozinhos baixa por esta serra.

*Saem. Ouvem-se vozes.*

*Yerma entra com seis mulheres que vão à igreja. Estão descalças com velas em riste.*

*Começa a amanhecer.*

- YERMA – Senhor, que floresça a rosa,  
não deixe ficar na sombra.
- MULHER 2 – Que na sua carne murcha  
floresça a rosa amarela.
- YERMA – E no ventre das tuas servas  
a lama escura da terra.
- CORO DAS MULHERES – Senhor, que floresça a rosa,  
não deixe ficar na sombra.

*Ajoelham-se.*

YERMA – O céu tem jardins  
 com rosais de alegria,  
 entre rosal e rosal  
 a rosa de maravilha.  
 Raio da aurora parece,  
 e um arcanjo a vigiar,  
 as asas como tormentas,  
 os olhos como agonias.  
 Em torno das suas folhas  
 regatos de leite morno  
 jorram e molham a cara  
 das estrelas tranquilas.  
 Senhor, abre teu roseiral  
 sobre a minha carne murcha.

*Levantam-se.*

MULHER 2 – Senhor, acalma com tua mão  
 as brasas do seu rosto.

YERMA – Escuta a penitente  
 de tua santa romaria.  
 Abre tua rosa em minha carne  
 mesmo com mil espinhos.

CORO – Senhor, que floresça a rosa,  
 não deixe ficar na sombra.

YERMA – Sobre a minha carne murcha,  
 a rosa de maravilha.

*Saem.*

*Da esquerda, entram moças correndo, com fitas longas nas mãos.*

*Da direita, entram três olhando para trás.*

*Há na cena como um crescendo de vozes, ruídos de guizos, toques de sinetas.*

*Num plano superior, aparecem as sete moças que agitam as fitas para a esquerda.*



*O ruído aumenta e entram dois mascarados populares.*

*Um como macho e outro como fêmea. Com grandes máscaras.*

*O macho tem um chifre de touro na mão.*

*Não são de forma alguma figuras grotescas, mas sim de grande beleza e com um sentido de terra pura.*

*A fêmea agita um colar de grandes guizos. O fundo fica cheio de gente que grita e comenta a dança*

*Está quase anoitecido.*

MENINOS – O demônio e a mulher dele! O demônio e a mulher dele!

FÊMEA – Lá no rio da serra  
a esposa triste se banhava.  
Pelo corpo lhe subiam  
os caracóis da água.  
As areias das margens  
e o ar da montanha  
punham fogo no seu riso  
e tremor nas suas costas.  
Ai, como estava nua  
aquela donzela n'água!

MENINO – Ai, como se queixava!

HOMEM 1 – Ai, murcha de amores  
com o vento e a água!

HOMEM 2 – Que diga a quem aguarda!

HOMEM 1 – Que diga a quem aguarda!

HOMEM 2 – Ai, com o ventre seco  
e a cor abatida!

FÊMEA – Quando chegar a noite eu direi,  
quando chegar a noite clara.  
Quando chegar a noite da romaria  
rasgo os babados da minha anágua.

MENINO – E logo chegou a noite.  
Ai, que a noite chegava!  
Olha como fica escuro

o que jorra da montanha.

*Soam violões.*

MACHO – *(levanta-se e agita o chifre)*

Ai, que branca  
a triste casada!  
Ai, como se queixa entre os ramos!  
Logo será cravo e amapola  
quando o macho abrir sua capa.

*Aproxima-se.*

Quem vem aqui na romaria  
pedir que seu ventre se abra,  
não ponha esse véu de luto,  
mas suave camisa de linho.  
Vai sozinha atrás dos muros,  
entre as figueiras cerradas,  
e aguenta o meu corpo de terra  
até o branco gemido da aurora.  
Ai, como relumeia!  
Ai, como relumeava,  
ai, como se curva a casada!

FÊMEA – Ai, o amor bota nela  
coroas e grinaldas,  
e dardos de ouro vivo  
em seu peito se cravam!

HOMEM 3 – Vamos ver esse chifre!

HOMEM 2 – Essa rosa e essa dança!

HOMEM 1 – Ai, como se curva a casada!

MACHO – Nesta romaria  
é sempre o varão quem manda.  
Os maridos são touros,  
o varão sempre manda,  
e as flores romeras

são pra aquele que ganha.  
 MENINO – Vamos com esse ar!  
 HOMEM 2 – Vamos com o ramo!  
 MACHO – Venham ver o lume  
 daquela que se banhava!  
 HOMEM 1 – Como junco ela se curva.  
 FÊMEA – E como flor se cansa.  
 HOMENS – Que as meninas se afastem!  
 MACHO – Que a dança queime  
 e o corpo reluzente  
 da linda mulher casada.

*Vão dançando ao som de palmas e risos. Cantam.*

O céu tem jardins  
 com roseirais de alegria,  
 entre rosal e rosal,  
 a rosa de maravilha.

*Voltam a passar duas moças gritando.*

*Entra a velha alegre.*

VELHA – Vamos ver se logo deixam a gente dormir. Mas logo vai ser ela.  
 (*Entra Yerma*) Você! (*Yerma está abatida e não fala nada*) Me diga,  
 por que veio?  
 YERMA – Não sei.  
 VELHA – Você não se convence? E seu marido?

*Yerma dá mostras de cansaço e de alguém com a cabeça quebrada por uma ideia fixa.*

YERMA – Está ali.  
 VELHA – Fazendo o quê?  
 YERMA – Bebendo. (*passa as mãos na testa*) Ai!

- VELHA – Ai. Ai! Menos ais e mais alma. Antes não pude te dizer nada, mas agora sim.
- YERMA – E o que vai me dizer que eu já não saiba?
- VELHA – Aquilo que já não se pode calar. O que está em riba do telhado! A culpa é do teu marido. Está ouvindo? Me deixaria cortar as mãos. Nem seu pai, nem seu avô, nem seu bisavô se portaram como homens de casta. Pra ter um filho precisa juntar o céu e a terra. Filho é feito com saliva. Mas porém tua gente não. Todos irmãos e primos até cem léguas em torno. Olha a maldição que caiu sobre a tua beleza.
- YERMA – Uma maldição. Um charco de veneno sobre as espigas.
- VELHA – Você tem pernas pra ir embora da tua casa.
- YERMA – Ir embora?
- VELHA – Quando te vi na romaria, me deu um oco no coração. Aqui, as mulheres vêm pra conhecer homem novo. E o santo faz o milagre. Meu filho está lá atrás da capela, te esperando. Minha casa precisa de mulher. Vá com ele e a gente vive os três juntos. Meu filho, sim, tem sangue. Como eu. Se você entrar na minha casa, ainda tem cheiro de berço. As cinzas da colcha da tua cama vão virar pão e sal pras crias. Anda. Não ligue pro povo. E o teu marido... Tenho em casa entranhas e ferramentas pra ele nunca cruzar com você. Nem na rua!
- YERMA – Quieta, quieta. Eu nunca faria isso. Não posso procurar teu filho. Acha que posso ter outro homem? Onde acha que está minha honra? A água não volta atrás, nem a lua cheia nasce ao meio dia. Vai! Eu, pelo caminho que vou continuo. Pensou mesmo a sério que eu podia me curvar pra outro homem? Que eu fosse pedir o que é meu como uma escrava? Pois me conheça, pra nunca mais falar comigo.
- VELHA – Quando se tem sede se agradece a água.
- YERMA – Eu sou como um campo seco onde cabem mil pares de bois arando e a senhora me dá um copo de água do poço. A minha dor já não está nas carnes.
- VELHA – (*forte*) Pois continue assim. Como queira. Como os cardos da areia, espinhosa, murcha.
- YERMA – (*forte*) Murcha, sim, eu sei! Murcha! Não precisa me esfregar na cara. Não venha me consolar como as crianças pequenas com a agonia de

um bichinho. Desde que casei, me ronda essa palavra, mas é a primeira vez que escuto, a primeira vez que me dizem na cara. A primeira vez que vejo que é verdade.

VELHA – Você não me dá pena nenhuma. Vou procurar outra mulher pro meu filho.

*A velha sai. Ouve-se um grande coro cantado pelos romeiros.*

*Yerma vai até o carro e de trás dele aparece seu marido.*

YERMA – Estava aí?

JUAN – Estou.

YERMA - Espiando?

JUAN – Espiando.

YERMA - Ouviu?

JUAN – Ouvi.

YERMA - E então? Me deixe e vá embora. *(senta-se nas mantas)*

JUAN – É hora de eu falar também.

YERMA - Fala.

JUAN – E me queixar.

YERMA - De quê?

JUAN – Deste amargo na garganta.

YERMA - O meu está nos ossos.

JUAN – Não posso mais aguentar esse lamento que não se acaba por coisas escuras, fora da vida, por coisas que estão no ar.

YERMA – *(com assombro, dramática)* Fora da vida, você diz? No ar?

JUAN – Por coisas que não me importam, ouviu? Que não me importam. É preciso que eu diga. A mim, me importa o que eu tenho entre as mãos. O que vejo com meus olhos.

YERMA – *(põe-se de joelhos, desesperada)* Isso, isso. É o que eu queria ouvir da tua boca. Não se sente a verdade quando está dentro da gente. Mas como é grande, como grita quando sai pra fora e abre os braços. Não te importa. Já ouvi.

JUAN – *(aproxima-se)* Pense que tinha de ser assim. Me escute. *(abraça Yerma para endireitá-la)* Muitas mulheres ficariam felizes de levar sua vida. Sem

filhos a vida é mais doce. Eu sou feliz sem eles. Não temos culpa nenhuma.

YERMA - O que você procurava em mim?

JUAN - Você mesma.

YERMA - E o resto? E teu filho?

JUAN - (*forte*) Não ouviu que não me importa? Não me pergunte mais. Será que tenho de gritar no seu ouvido para você entender, para ver se você ao menos uma vez vive mais tranquila!

YERMA - E nunca pensou nele quando viu que eu queria tanto?

JUAN - Nunca.

*Estão os dois no chão.*

YERMA - E não posso esperar?

JUAN - Não.

YERMA - Nem você?

JUAN - Nem eu. Aceite!

YERMA - Murcha!

JUAN - E em paz. Um e outro com suavidade, com agrado. Me abrace. Me beije. (*abraça Yerma*)

YERMA - O que você quer?

JUAN - Você. Com essa lua você tão linda.

YERMA - Você me procura como quando quer comer um pombo.

JUAN - Me beije... assim.

YERMA - Isso nunca. Nunca.

*Yerma dá um grito e aperta o pescoço do marido. Ele cai para trás.*

*Ela aperta seu pescoço até matá-lo.*

*Começa o coro da romaria.*

YERMA - Murcha, murcha, porém segura. Agora sim, sei com certeza. E sozinha. (*levanta-se, começam as chegar as pessoas*) Vou descansar sem acordar sobressaltada pra ver se o sangue me anuncia outro sangue novo. Com o corpo seco para sempre. O que vocês querem?

Não se aproximem porque matei o meu filho. Eu mesma, matei o meu filho.

*Surge um grupo que fica ao fundo.*

*Ouve-se o coro da romaria.*

FIM